# CLARICE LISPECTOR: UMA MEMÓRIA, DIFERENTES VISÕES

Henrique Inojosa Cavalcanti

Mestrando em História – PPGH UNICAP

henriqueinca@gmail.com

**Resumo**

O contato com o livro *A paixão Segundo G.H.*, quinto romance de Clarice Lispector, deixou Claire Varin, uma estudante da Universidade de Montreal, tocada pela narrativa pulsante e misteriosa da escritora. Isto aconteceu em 1979, o que resultou numa tese de doutorado, transformada em livro: *Línguas de Fogo: Ensaio sobre Clarice Lispector*. Mais tarde, foi a vez da escritora e professora da USP Nádia Battella Gotlib elaborar sua biografia. Batizou-a de *Clarice: Uma Vida que se Conta*. Benjamin Moser, um americano que cursava literatura, veio depois. Foi arrebatado pela magia dos textos de Clarice quando recebeu aulas de língua portuguesa na universidade onde estudava nos Estados Unidos. Escreveu uma biografia de fôlego sobre a escritora: *Clarice,*. A biografia de Varin é bastante guiada pelos sentimentos e percepções. A de Gotlib, mais rigorosa com relação às fontes e a de Moser, levada em grande parte pela confiança nas pessoas que entrevistou. O presente trabalho visa apresentar a maneira como estes três autores construíram suas biografias, o que os fez aproximar da vida e obra de Clarice, os pontos em comum, as divergências, as diferentes visões a respeito de sua memória. Serão discutidos aspectos como a importância da história oral e o uso das fontes na construção de uma biografia.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector, biografias, memória.

**Abstract**

The contact with the book *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector's fifth novel, left Claire Varin, a student of the University of Montreal, touched by the pulsating and mysterious narrative of the writer. It happened in 1979, which resulted in a PhD thesis, transformed into a book: *Línguas de Fogo: Ensaio Sobre Clarice Lispector*. Later, it was the turn of USP writer and teacher Nádia Battella Gotlib to elaborate her biography. He called her *Clarice: Uma Vida que se Conta*. Benjamin Moser, an American who studied literature, came later. He was snatched by the magic of Clarice's texts when he received Portuguese language classes at the university where he studied in the United States. He wrote one of the writer's richest biographies: *Clarice,*. Varin's biography is largely guided by sentiment. Gotlib's, more strict about sources and Moser's, was driven largely by trust in the people he interviewed. The present work

aims to present the way in which these three authors constructed their biographies, what brought them closer to the life and work of Clarice, the points in common, the divergences, the different visions about his memory. We will discuss aspects such as the importance of oral history and the use of sources in the construction of a biography.

**Keywords:** Clarice Lispector, biographies, memory.

## Introdução

Lilia Moritz Schwarcz nos conta que o gênero biografia nasceu no século XIX como uma escrita voltada para o enaltecimento dos biografados. Eram histórias de reis, príncipes, governantes. No Brasil, a biografia era utilizada para enaltecer o império. Mas hoje, ela é construída de forma diferente. Existe uma ligação muito forte de uma biografia com o contexto social, cultural e político do biografado (SCHWARCZ, 2013, p. 53). Este é então, posto mais próximo à sua realidade. Existe um interesse muito forte por parte do biógrafo, de aprender com o biografado, constituindo uma relação de troca. O biografado é eternizado pelo biógrafo e este por sua vez, recebe grandes lições da pessoa que escolheu para biografar.

Benjamin Moser, um dos biógrafos da escritora Clarice Lispector, nasceu no Texas, Estados Unidos. Formou-se em história na Brown University e cursou mestrado e doutorado na universidade de Utrecht. Depois de viajar para a Ucrânia, Recife, Rio de Janeiro, concluiu sua obra *Clarice,* (lê-se Clarice Vírgula), traduzida para o holandês, francês, português e espanhol. Hoje, ele está escrevendo a biografia da escritora americana Susan Sontag. Ele diz que escolheu estudar Clarice Lispector porque ela era uma pessoa muito sedutora e fascinante, e que ficou muito tocado não só com sua escrita, mas com sua história de vida. Moser conseguiu fazer uma interessante “costura” contendo trechos da escrita de Clarice, trechos da escrita de pessoas de sua época, depoimentos, documentos, assim como da vida da escritora. Sua biografia traz elementos diferentes de outras já escritas sobre Clarice porque detalha a dizimação dos judeus na Europa, dando ao leitor uma ideia mais clara das razões pelas quais a família da escritora viajou definitivamente até o Brasil. Com estes dados, temos uma ideia de como se deu a formação emocional da escritora. Ele também insere a vida dela no contexto histórico em que o Brasil vivia na época.

Claire Varin é escritora, redatora, jornalista, intérprete canadense. Decidiu largar tudo e vir para o Brasil em 1982 para estudar a escritora Clarice Lispector com mais profundidade, com o intuito de construir sua tese de doutorado pela Universidade de Montreal, onde posteriormente lecionou literatura. Tomou esta decisão após ler o livro "*A Paixão Segundo GH*" em francês, obra que a fascinou. Ao chegar ao Brasil, morou no Rio de Janeiro, no bairro do Leme, em frente ao apartamento onde a escritora havia morado. Entrevistou amigos, parentes da escritora, foi em busca de fontes na Fundação Casa de Ruy Barbosa e em outros lugares que continham documentos sobre Clarice, aprendeu português, foi a lugares que ela frequentou (até mesmo os mais exóticos como uma cartomante, por exemplo). Foi também ao Recife e a Maceió, onde Clarice havia morado quando pequena. O resultado é o livro *Línguas de Fogo*. Ao ser questionada porque decidiu biografar Clarice Lispector, Claire Varin disse que quando leu Clarice pela primeira vez, sentiu uma conexão muito forte com ela. Para Varin, ela escrevia de forma a adentrar "além do psicológico", como se caminhasse atrás do pensamento. Sua escrita possui muita interioridade e espiritualidade. Ela era uma espécie de mística sem seita, sem dogmas, sem crença, buscando sozinha o que é ser viva no mundo. Hoje, além das atividades citadas, Claire Varin é diretora de uma revista de prosa e poesia.

Quando é perguntada sobre suas impressões sobre a escritora, a descreve como um gênio, uma das maiores descobertas literárias do século XX. Apesar do livro *Línguas de fogo* ter sido resultado de sua tese de doutorado, muito pouco tem de academicismo, o que o torna talvez mais interessante. Intencionalmente ou não, Clarice Lispector toca profundamente na alma humana e Claire Varin soube interpretar bem este viés da escritora no ensaio que escreveu sobre ela. Toques de psicanálise se fazem presentes em sua obra. No primeiro capítulo do livro, por exemplo, ela faz uma comparação da barata esmagada na porta do guarda roupa, descrita no livro *A Paixão Segundo GH* com a dificuldade que Clarice tinha de lidar com a doença da mãe e da culpa que sentia em relação a isso (a barata, depois de esmagada, ficou presa ao meio, assim como a mãe paralítica de Clarice estava "presa ao meio"). A relação mãe e filha ganhou uma interpretação "cirúrgica" no ensaio de Varin. Quando se tem uma mãe paralítica, a filha, de certa forma, assume o papel de mãe da própria

mãe. Ela tinha que se dirigir sempre à mãe e não o contrário. Varin, em seu ensaio, também chama atenção para as dificuldades que a família de Clarice tinha de conviver com o medo de serem todos deportados para seu país de origem devido ao antissemitismo. Por este motivo, ele mudaram os nomes, falavam iídiche em casa e cumpriam de forma discreta seus rituais judaicos.

Nádia Battella Gotlib, outra biógrafa de Clarice Lispector de destaque, estudou na Universidade de São Paulo, especializando-se em literatura brasileira e portuguesa. Escreveu dois livros sobre a escritora: *Clarice, uma Vida que se Conta* e *Clarice Fotobiografia* (resultados de sua tese de livre docência pela Universidade de São Paulo). Hoje é escritora, professora colaboradora da USP e pesquisadora do CNPQ. Ela observa que Clarice Lispector se mostra muito diferente dos romancistas da década de 30, a exemplo de Jorge Amado ou Graciliano Ramos (considerados romancistas sociais), sendo totalmente criativa e original em sua escrita. Segundo Gotlib, ela conseguia registrar a intimidade da alma, principalmente em relação às mulheres. Para Nádia, a criação de Clarice estava livre dos espartilhos das teorias que muitas vezes tendem a sufocar a escrita com suas formas limitantes.

Estes três escritores, em diferentes épocas, foram profundamente tocados pela narrativa única de Clarice Lispector, o que os motivou, cada um à sua maneira, a escrever sobre a vida da romancista, contista e cronista. O presente trabalho visa apresentar diferentes olhares sobre a escritora Clarice Lispector, tendo como base as obras, entrevistas, artigos, ensaios, produzidos por estes biógrafos sobre a escritora.

## Biografias: vidas “quase” contadas

No dia 09/12/2018, em sua página no Facebook, Nicole Algranti, sobrinha-neta de Clarice Lispector, escreveu:

> Todos os mistérios de Clarice foram revelados em sua própria obra. Então, não tem mais mistério nenhum. Está tudo nos livros. Aos estudiosos, biógrafos, malucos e interessados, que estudem seus livros e se dediquem menos a vida particular da escritora. Hoje fazem 41 anos de sua morte. Mas amanhã ela renascerá. Como fez em 10/12/1920. (ALGRANTI, 2018).

Seria oportuno enfatizar “todos os mistérios”? O prazer em ler a obra de Clarice Lispector não está justamente no fato dela ser repleta de mistérios? Nunca teremos o domínio total sobre eles e portanto, o desafio de interpretá-la não cessa. Clarice se expunha sim em sua obra, porém, ela não queria ser decifrada em sua totalidade. Estratégia? Medo? Timidez? Não se sabe.

Sobre estes mistérios de Clarice, Claire Varin, em seu ensaio intitulado Línguas de Fogo, tenta decifrar o que a escritora projetou de seu inconsciente em sua obra. Nele, escrito durante a estadia de Varin no Brasil, o entrave existente na vida de Clarice provocado pela doença de sua mãe, Marieta Lispector, é posto em evidência. Este trauma tem sua origem na época em que sua família vivia na Ucrânia. Os Lispector eram de origem judia e os judeus no início do século XX naquele país, eram brutalmente agredidos em ataques chamados de pogroms. Há relatos de que num destes ataques, a mãe de Clarice foi estuprada e contraiu sífilis. Como no cenário de caos em que vivia a Ucrânia era praticamente impossível encontrar médicos ou hospitais disponíveis e a penicilina só viria a ser criada vinte anos após o ocorrido, os pais de Clarice se prevaleceram de uma lenda que existia na época de que uma mulher que tivesse um filho, ficaria curada de qualquer doença. Pedro e Marieta decidiram então, trazer ao mundo a pequena Clarice. Ela, que nasceu com a esperança de salvar sua mãe, não tendo conseguido, sentia-se culpada pela “falha”. *A paixão segundo G.H.*, conforme Varin, revela esta dificuldade que Clarice sentia de lidar com a culpa de não ter conseguido salvar sua mãe. A barata esmagada ao meio, simbolizando a própria mãe e os obstáculos que uma criança sentia de lidar com uma problemática daquele porte, estariam projetados em sua literatura, em especial naquele livro. A barata deveria ser engolida para sua própria salvação. E a personagem o fez. Optou por não fugir da verdade. Percebe-se aí a honestidade da escritora diante do enfrentamento que a vida requer.

Outro aspecto importante verificado por Varin é o fato de a família habitualmente se preservar pelo medo de ter que retornar à Europa. Os Lispector

cumpriam rituais judaicos, porém, dentro de casa. Clarice, por exemplo, entendia o iídiche, porém, a língua que falava era o português.

Nádia Battella Gotlib nos conduz ao encontro de Clarice Lispector através de sua produção literária. Ela nos apresenta fotografias, relatos de intelectuais e de pessoas comuns atreladas à vida da escritora. A cronologia no livro é valorizada. A história de Clarice é contada desde sua vinda para o Brasil até sua morte, em 1977. A biografia de Nádia nos revela que não é tão fácil falar de Clarice pois ela se confunde um pouco com a ficção que escreve, e assim, confunde também seus leitores.

Em vida, Clarice parecia perceber que despertava e continuaria a despertar muito interesse como pessoa e parece ter tratado de desviar um pouco de sua atenção seus futuros seguidores. Ao ler a biografia de Nádia, ficamos um tanto embaralhados como quando, por exemplo, verificamos que para cada documento que tirava ou cada entrevista que concedia, ela dizia ter nascido em uma data que não coincidia com as datas que tinha informado anteriormente. Ela sutilmente dispersava as pessoas para que não fosse decifrada em sua totalidade. E o seu mistério permanecia.

Em casos como estes, o biógrafo deve aprender a lidar com lacunas. Às vezes, os documentos não existem mesmo e às vezes também, como citado acima, a própria Clarice costumava apagar seus rastros. Sua escrita também é cheia de fragmentos. Ela escrevia em pedaços de papel, em guardanapos, depois saia compilando tudo o que escreveu para transformar em livro.

Nádia, como ela própria costuma frisar, insere Clarice em seu contexto cultural. Em sua biografia, a Clarice “pessoa” interage o tempo todo com a cultura a qual ela estava inserida. Sua origem russo-ucraniana, sua vida intelectual, afetiva, artística, tudo conta para a construção da biografia realizada por Gotlib. Outro aspecto que Nádia ressalta é o da contradição. Tanto a escritora produz uma literatura muito palatável, como em outras vezes, transforma sua escrita em algo um pouco difícil de ser digerido.

*Clarice,* biografia de Benjamin Moser, parece nos pegar pela mão e nos conduzir pelos labirintos que permeiam a vida da escritora. Ele explica com detalhes

a situação da família antes de chegar ao Brasil. Aborda com clareza e riqueza de detalhes os ataques contra os judeus, chamados de pogroms. Ao lermos sua obra, é inevitável ficarmos compadecidos e assim, entendemos melhor as razões pelas quais a família Lispector, assim como inúmeros outros judeus fugiram da Ucrânia.

A biografia escrita por ele tem a fluidez de um romance bem contado, sem muitas citações ou demonstrações de documentos (as notas ganham espaço no final do livro, distante da narrativa), o que nos leva a acompanhar com mais despojamento a vida da escritora (para uns, porém, isto constitui em ponto negativo, visto que se o leitor quiser complementar sua leitura daquilo que está lendo, terá que interrompê-la e procurar pelas notas no final do livro). Ele é detalhista, porém, os detalhes são bem elaborados, de maneira que não cansam o leitor. Percebe-se em Moser o desejo de compartilhar o conhecimento sobre a vida de Clarice para que possamos entende-la melhor.

As três biografias se complementam. Porém, como todas as biografias, existem lacunas. O fato é que nunca conseguiremos alcançar Clarice em sua totalidade. Talvez assim é que as coisas devam acontecer. Desta incompletude, brota a sensação de saborearmos o desejo de querer conhecer o que não será jamais conhecido. E através da compreensão de que nem tudo está ao nosso alcance, isto não gera frustração. Aprendemos a conviver pacificamente com os desejos que não são satisfeitos. Apesar de querermos aprender sempre mais sobre o biografado, sabemos no fundo que as biografias sempre serão vidas “quase” contadas.

**Biografia: ficção ou realidade?**

> Uma biografia poderá contar, em milhares de páginas, a vida de alguém, mas o seu leitor jamais estará certo de ter conseguido alcançar uma imagem

> precisa deste personagem. Por outro lado, essa narrativa biográfica não deixa de ser verdadeira. Curiosa forma de escrita, a biografia pode ser, simultaneamente, verdadeira e incapaz de alcançar a vida. (AVELAR; SCHMIDT, 2018, p. 7-8).

Nádia Battella Gotlib e Benjamin Moser se encontraram em 2010, na Fliporto, evento literário sediado em Olinda, Pernambuco. Numa das rodas literárias do evento, os dois biógrafos palestraram sob a mediação da jornalista Mona Dorf. Começaram o debate lendo um pequeno trecho das biografias que escreveram. Nádia Gotlib leu o primeiro capítulo de sua obra e logo depois, Benjamin Moser leu um trecho da biografia *Clarice,.* O trecho que ele leu falava sobre como aconteciam os pogroms na Ucrânia e seus horrores, num depoimento da Cruz Vermelha russa. Em um dado momento, Moser diz ter ficado impressionado com a brutalidade dos ataques aos judeus a ao fato de a mãe de Clarice ter sido estuprada em um destes ataques. Esta observação de Moser provocou um interessante debate entre ele, Nádia Battella Gotlib e Mona Dorf, suscitando o debate sobre a construção de uma biografia.

Segue abaixo, a transcrição de um trecho da conversa:

> [...] Nádia Gotlib: ... Minha posição é um pouco diferente da do Benjamim porque o Benjamin identificou uma questão de origem que é a questão do estupro da mãe e eu acho que não existe registro que explicite este tipo de violência. Pode ser uma hipótese, mas eu acho que a documentação que a gente conhece não nos permite afirmar categoricamente que isso aconteceu.
>
> Mona Dorf: A mãe de Clarice tinha contraído sífilis...
>
> Nádia Gotlib: Não sei...
>
> Mona Dorf: Aparentemente...
>
> Nádia Gotlib: Não, nem aparentemente. Clarice numa crônica disse que a mãe tinha uma doença, mas ela não especifica que doença é, nem ninguém especifica que doença é.
>
> Mona Dorf: Ela morreu do quê?
>
> Nádia Gotlib: O óbito é de uma paralisia progressiva. A Elisa menciona explicitamente paralisia. Ela usa o termo hemiplegia, que é a paralisia de metade do corpo causada por lesão cerebral. Elisa também fala em trauma,

usa esse termo trauma, que pode ser psicológico ou uma batida na cabeça, por exemplo. Então não existe um documento que diga explicitamente que houve estupro ou que ela tenha tido sífilis.

Mona Dorf: O que eu acho importante dizer é que havia uma superstição na época que dizia que o nascimento de uma criança seria uma coisa tão abençoada que pudia curar a mãe da doença...

Nádia Gotlib: Quem disse?

Mona Dorf: A crença popular...

Nádia Gotlib: Mas a sabedoria popular tem que ter um registro.

Mona Dorf: Mas a Clarice sofria muito com isso, de não poder vir ao mundo para curar a sua mãe.

Benjamin Moser: ... Só para responder à Nádia, o registro não existe, mas como se constrói uma biografia é interessante. A gente tem que aprender a ler os documentos.

Mona Dorf: A vida não era tão documentada naquela época, como é hoje.

Benjamin Moser: Não, a vida já era documentada. Nádia levantou na fotobiografia uma documentação imensa, mas tinham hiatos. Essa questão do estupro da mãe, por exemplo, quatro pessoas diferentes me falaram disso. Tem toda uma evidência folclórica com essa história de curar a mãe.

Nádia Gotlib: Eu acho que aí, Benjamin, é um problema de critério na seleção do que é documento confiável. Você confiou nessas pessoas, e eu não confiaria. Eu acho que há uma diferença em relação a critérios.

Benjamin Moser: Talvez se você tivesse falado com essas pessoas, teria acreditado mais. (MOSER; GOTLIB; DORF. 2010).

Referente aos debates teóricos e metodológicos do campo da história, é relevante a observação que faz Verena Alberti em sua palestra intitulada Indivíduo e Biografia na História Oral:

> Até os anos 70, a história oral não tinha muitos adeptos na própria história porque havia um certo fetichismo do documento escrito – o fato de ser escrito garantia, segundo se pensava, a objetividade do documento, enquanto uma entrevista gravada estaria carregada de subjetividade. Hoje, já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico – isto é, de que se deve tomá-la como dado objetivo para entender por que determinados acontecimentos ou conjunturas são interpretados de um modo e não de outro. (ALBERTI, 2000, p. 1).

Benjamin Moser depositou confiança no discurso de pessoas que relataram que a mãe de Clarice Lispector foi estuprada e contraiu sífilis. Essas duas informações sobre Marieta Lispector, ele afirma como verdade, porém, não dispõe de papéis que comprovem tais informações. Poderia se dizer que existe, a partir disso, um problema documental na biografia escrita por Moser? Estaria ele transformando o que seriam apenas hipóteses em certezas? E se não acreditarmos em relatos, podemos construir uma boa biografia apenas através de documentos que comprovem os fatos vividos pelos biografados? Se também os documentos não são de todo confiáveis, como de fato escrever uma biografia com honestidade? Uma biografia seria ficção, realidade ou um misto das duas coisas?

Muitas destas perguntas não são fáceis de responder, mas o escritor Benjamin Abdala Júnior nos faz uma interessante observação: “Textos de memória são também construção do imaginário, e assim considerados, não se apresentam mais como provas de um território eminentemente factual”. (JÚNIOR, 2010, p. 292).

Como podemos perceber no diálogo entre Benjamin Moser, Nádia Battella Gotlib e Mona Dorf, verificamos que a observação acima depende muito do ponto de vista dos biógrafos e também dos leitores que desfrutam de suas biografias. Não há atualmente, uma definição concisa para o que seria biografia.

## Conclusão

Acreditamos, com o que foi apresentado, que um ponto de equilíbrio na construção da escrita biográfica deve haver. O autor deve ser cuidadoso sim, no sentido de caminhar à luz de documentos que venham elucidar, pelo menos em parte, a memória do biografado. Porém, ao escrever uma biografia, inevitavelmente, o biógrafo contará a história do biografado levando em consideração suas ideias e impressões sobre o biografado. Assim elaboraram suas obras Claire Varin, Nádia Battella Gotlib e Benjamin Moser, assim como outros autores que escreveram sobre Clarice Lispector. Segundo o historiador François Dosse: “Não há um método único para escrever a biografia de um autor: para cada escritor, haverá uma forma nova e específica de biografia.” (DOSSE, 2017). [1]

Das diferentes visões verificadas acerca da vida da escritora Clarice Lispector, não podemos dizer que uma ou outra é mais completa, mais verossímil, mais rica. Cada uma é conduzida diferentemente e conforme o ponto de vista de cada biógrafo sobre como construir uma biografia, sendo respeitada a autenticidade que o leitor espera dela e a fatia de ficção que toda biografia de fato possui.

## Notas

[1] Texto extraído da página do Facebook do historiador François Dosse (DOSSE, François. 11 set, 2017. Post do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/roland.barthes.5623?fref=hovercard&hc_location=none. Acesso em: 29 dez. 2018.

**Referências**

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e Biografia na História Oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

ALGRANTI, Nicole. 09 dez, 2018. Post do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/nicole.algranti?fref=pb&hc_location=friends_tab. Acesso em: 23 dez. 2018.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. São Paulo. Letra e voz, 2018.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico – Escrever uma Vida***.** São Paulo: Edusp, 2005.

DOSSE, François. 11 set, 2017. Post do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/roland.barthes.5623?fref=hovercard&hc_location=none. Acello em: 29 dez. 2018.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice, uma Vida que se Conta.* São Paulo: Editora Ática, 1995.

GOTLIB, Nádia Battella. *Entrevista Revista Leemas de Gandhi.* 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QpRgq7fLv2g&t=9s. Acesso em: 23 dez. 2018.

GOTLIB, Nádia Battella; MOSER, Benjamin; DORF, Mona. *2010: Benjamin Moser e Nádia Battella Gotlib com Mona Dorf, na Fliporto 2010*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFFiAl5CC-8&t=11s. Acesso em: 25 dez. 2018.

JÚNIOR, Benjamin Abdala. *Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: Coincidências e Equívocos.* São Paulo. Estudos Avançados vol.24 no.70, 2010.

MOSER, Benjamin. *Clarice.* São Paulo: Cosac Naify, 2011.VARIN, Claire. *Línguas de Fogo:* Ensaio sobre Clarice Lispector. São Paulo: Limiar, 2002.SCHWARCZ, Lília Moritz. *Biografia como Gênero e Problema*. São Paulo. História Social nº 24 – Revista dos Pós-graduandos em História da UNICAMP, 2013.

VARIN, Claire. *Persona*. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f50-Ft-yXMs&t=3s. Acesso em: 23 dez. 2018.